

# Brasília: confissão de fé (II)



O primeiro hotelzinho de Brasília, implantado no Núcleo Bandeirante. Ano: 1957

Há vinte anos ininterruptos em Brasília, o médico Ernesto Silva muito viu e muito testemunhou. O que ele sabe da cidade que ele assistiu desde sua gestação não caberia num só livro, como o que já escreveu. Ora como médico, ora como diretor da Novacap, ora como dirigente em outras funções, ele não apenas viu e testemunhou. Viveu todos os momentos, acompanhou de perto, de muito perto, sentiu o desabrochar da vida onde a civilização ainda não chegara. É como se a cidade fosse sua filha. Chorou de emoção ao ver se lhe abrirem os olhos. Deu-lhe a mão para apoiá-la nos primeiros passos. Acompanhou-lhe as traquinagens com complacente sorriso. Contou suas façanhas para os amigos de longe. Mostrava-a orgulhoso para os hóspedes da casa. Via-a crescer, incorporar-se, tomar jeito de menina-moça. E agora, quando Brasília se enfeita toda para o seu "début", Ernesto Silva sente um orgulho imenso de poder apresentá-la como adulta à sociedade. Um orgulho que só os pais são capazes de sentir.

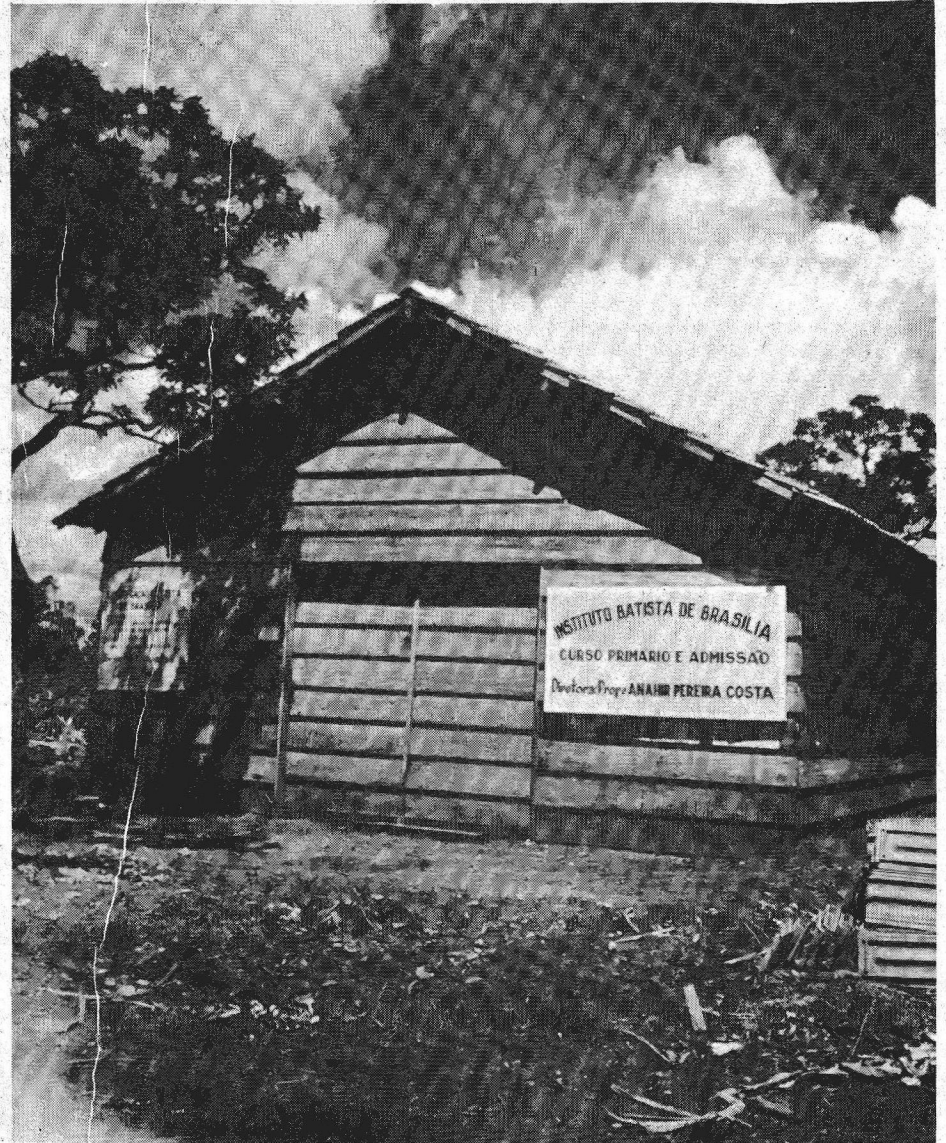
Relembrando a epopéia dos primeiros tempos, Ernesto Silva conta passagens que sua memória registrou com mais nitidez e profundidade. Passagens históricas. Outras, simplesmente humanas e carinhosas. Mas, de igual importância. Como a do jornalista espanhol Juan Manuel Garcia Puga, admirado ante a magnitude da obra que se estava construindo. Em abril de 1959, quando aqui esteve, Garcia Puga não pôde dormir. A emoção o mantivera acordado, insone, embasbacado mesmo. No dia seguinte, ele declarava: "Minha primeira noite em Brasília não teve descanso. Recordá-la-ei como uma noite sem sono. Ali, onde a História se faz com pressa, dia e noite, não houve descanso para mim. Mas por que haveria de havê-lo, quando todos estavam trabalhando?" Na realidade era assim. Dia e noite o cerrado escutava o som cadenciado dos martelos, o barulho das máquinas furando caminhos, o tinir dos ferros que se ajeavam em moderníssimos edifícios. Quando o sol se ia, as luzes dos acampamentos se acendiam e nos escritórios de madeira traçavam-se projeções, calculavam-se estruturas, previam-se prazos. Nos canteiros de obra, as luzes também se acendiam e os candangos já não sabiam exatamente onde terminava o dia e começava à noite. Importante era fazer Brasília. E

fazê-la bonita e diferente. Tão diferente que o mundo dela se admirasse.

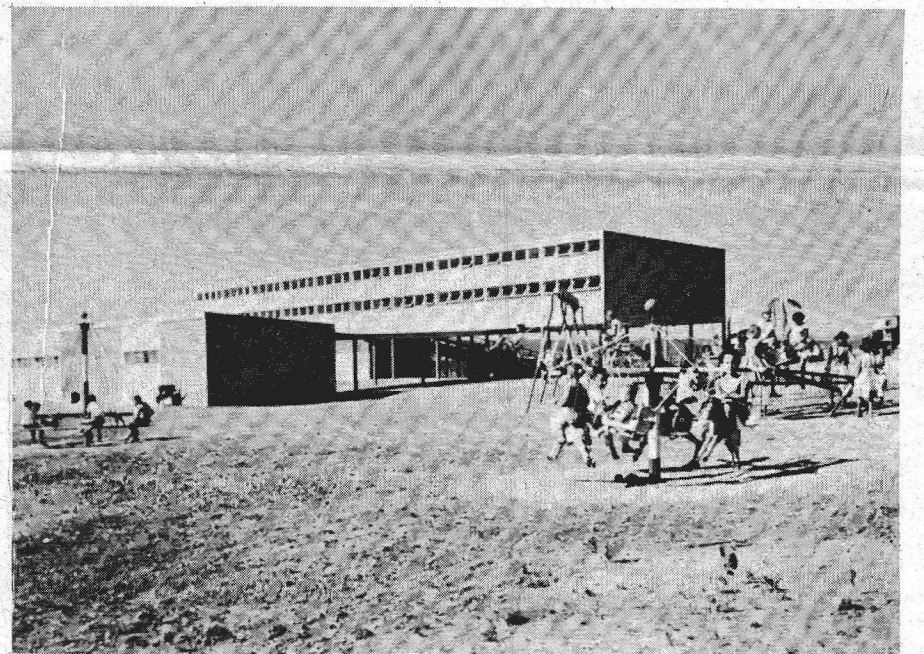
Ernesto Silva afirma: embora a cidade seja ainda hoje diferente, não é exatamente como devia ser. Noventa por cento dos problemas que Brasília enfrenta hoje teriam sido eliminados, se se tivessem obedecido a todos os planos iniciais. Na sua opinião, a culpa maior cabe aos diversos administradores que a cidade já teve, cada um dando sua parcelazinha de alteração dos planos. O setor hospitalar, por exemplo, um dos mais problemáticos do momento, possuía um plano tão espetacular quanto simples. Baseado na premissa de se propiciar a formação de melhores médicos e melhores enfermeiros, o núcleo básico repousava em três escopos: livre escolha do médico por parte do doente; assistência médica igual para todos, com hora marcada, o que equivaleria à ausência de filas; e dignificação da profissão do médico, transformando-o num verdadeiro profissional, com o sistema de tempo integral, bem remunerado, de modo a que cada um tivesse um único emprego. Ernesto Silva acha que a dispersão de recursos e de elementos humanos qualificados por inúmeras unidades assistenciais, sobrecarrega determinados centros de atendimento e torna ociosos equipamentos e profissionais de outros setores. A centralização de recursos em grandes centros de assistência médica, tal como fora previsto e não cumprido não teria permitido que, em tão poucos anos de existência, Brasília já apresentasse tão graves problemas.

A mesma coisa acontece com o setor educacional. Para se ter uma idéia do quanto deveria ter sido diferente a sistemática adotada basta exemplificar-se com o ensino de segundo grau. Para este, os planos haviam determinado um grande centro de onze blocos, dotados de completo equipamento e com vagas suficientes para o atendimento de uma população muitas vezes superior à existente hoje. A convite seu, Anísio Teixeira traçara as diretrizes da educação do futuro Distrito Federal. Mas, o que se vê hoje tem pouca similitude com o pretendido. E que era mais do que viável. Além de tudo, econômico e eficaz.

Outro plano interessantíssimo era o da Agricultura. Idealizado



Em Brasília, Ernesto Silva tudo viu e documentou. Dos seus arquivos esta foto da primeira escola particular que se fundou no Planalto deserto

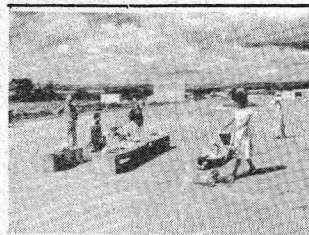


A primeira escola pública primária, na Candangolândia, hoje está caindo aos pedaços

por Cabello, Cid Albuquerque e Iris Memberg, auxiliados por Joaquim Tavares, o projeto previa Unidades Sócio-Econômicas Rurais constituídas de tratores para uso coletivo, mercado para os produtos, banco, escolas, pequeno posto médico. Em torno disso tudo, um anel de chácaras. E uma cooperativa. Simples e claro como a água. Por que não se fez, se era mais fácil? E com mais probabilidade de êxito?

E houve um motivo muito importante em torno do qual a imaginação dos pesquisadores, estudiosos e "experts" se movimentou intensamente: a criança. A escola-classe de manhã, a escola-parque à tarde, o almoço na própria escola, o lanche. Em consequência disso, a despreocupação dos pais, sabendo seus filhos bem cuidados, bem orientados, podendo, assim, render muito mais no seu trabalho. Em última análise a dignificação do homem, em função do qual e para o qual tudo foi planejado.

Ernesto Silva, deixa escapar um suspiro que é quase uma queixa. Sentindo a inutilidade do gesto, procura mudar de assunto e lembra outras passagens da vida de Brasília nos começos. Rememora o dia do lançamento da pedra fundamental do "Correio Braziliense", as pessoas perdidas no cerrado bruto, a procura do lote onde se instalaria o primeiro jornal da Capital. Destaca a determinação de Assis Chateaubriand que não abriu mão da data para a circulação do matutino: 21 de abril de 1960. E assim aconteceu. Ao falar nisso, Ernesto Silva diz convicto: "Três fatores decisivos impediram a volta da Capital para o Rio de Janeiro: o "Correio Braziliense", defensor incansável de Brasília; o apoio da população à cidade recém-nascida; e a presença constante do Legislativo e do Judiciário que, contra tudo e contra todos, aqui se instalaram e funcionaram plena e perfeitamente, desde os primeiros e duros anos da mudança.



**Naqueles tempos - conta Ernesto Silva - havia um espírito de solidariedade e tudo era bom apesar do desconforto. Na foto, a W-3 Sul, em 1958**



Ernesto Silva, médico pediatra, foi o primeiro diretor da NOVACAP, nomeado em setembro de 1956, quando passou a morar definitivamente em Brasília

Quando Brasília completa seus quinze anos, o "Correio Braziliense" está duplamente em festa. É que ele nasceu no mesmo dia em que a cidade despontava para o cenário nacional e internacional. E desde então ele a tem defendido, e promovido. Contra a descrença dos derrotistas. Contra a intransigência dos insensíveis. Contra o egoísmo dos que não souberam abdicar do seu conforto pessoal em benefício do bem comum. Cumprindo a determinação do fundador dos "Diários Associados", Assis Chateaubriand, tão obstinado quanto o criador da cidade, o "Correio Braziliense" circulou, sem interrupção, desde o dia 21 de abril de 1960. As dificuldades, que não foram poucas, estimulavam-nos a prosseguir. Jamais nos levaram a pensar em retroceder. Dava-se um jeito, quando não havia solução lógica.

Antes da inauguração de Brasília, a primeira delas. Foi no lançamento da pedra fundamental. Ninguém tinha a menor idéia de onde ficavam os lotes 300 a 350 do Setor Gráfico. O cerrado bruto era um vasto mar de árvores retorcidas, muito grande e muito igual. Enfim, fez-se a cerimônia, os carrapichos agarrando nas pernas, os galhos secos riscando-nos a pele, o sol a pino queimando-nos a cabeça. Muito simples e muito corrida, como eram as inaugurações do começo. Depois, vieram outras e outras dificuldades. Do dia a dia. Falta de papel, falta de luz, falta de água, falta de pessoal. No dia em que se precisou transportar uma bobina de papel de 650 quilos, o aviãozinho da "Real", de tão pequeno não tinha espaço suficiente. Arrancaram-se, então, algumas poltronas, e a bobina veio, muito cheia de si, como mais um passageiro da companhia aérea. E no dia em que não havia água nem para a confecção dos clichês? A solução única possível foi apelar para a água mineral. E assim se fez.

A série de reportagens que estamos publicando é, portanto, uma homenagem do "Correio Braziliense", toda especial, a Brasília. Como especial é o carinho que o jornal tem por sua cidade, "derramada e concisa", disposta harmoniosamente para o trabalho e o lazer".